

FICÇÃO E HISTÓRIA EM *PASSAGEIRO DO FIM DO DIA*

Thaís Fernandes Velloso¹

RESUMO: Este trabalho explora a relação da ficção com a história na obra *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. Nesse sentido, é possível perceber como os aspectos sociais e históricos podem contribuir para a composição de uma obra sem que a análise literária seja negligenciada. Literatura e cidade, desse modo, revelam-se temas intimamente ligados no processo de criação artística.

Palavras-chave: Ficção; história; literatura.

FICTION AND HISTORY IN “*PASSAGEIRO DO FIM DO DIA*”

ABSTRACT: This work explores the connection of the fiction with the history of the book *Passageiro do fim do dia*, by Rubens Figueiredo. Then, it is possible to notice how some social and historical aspects can contribute to the composition of a book without a literature analysis being neglected. Literature and city, in this way, are revealed as themes intimately connected to the process of artistic creation.

Keywords: fiction; history; literature.

Em entrevista ao Jornal *Rascunho*, em 2011, Rubens Figueiredo afirma ter evitado, em seu romance *Passageiro do fim do dia* (2010), “uma estrutura calcada na construção de um mistério seguido de um desvelamento”.² A partir do que o autor pondera, entende-se que essa obra não se enquadra nos moldes dos romances tradicionais, em que o encadeamento de fatos constrói um enredo lógico e de fácil compreensão.

Segundo o crítico alemão Wolfgang Iser, em *O fictício e o imaginário* (2013), a obra ficcional é composta por vazios que devem ser suplementados pelo leitor, reiterando que a narrativa carente desses ‘vazios’ corresponde aos *best-sellers* tão presentes no mercado editorial. Na medida em que a literatura demanda um leitor específico, como o “leitor ruminante” a que o narrador machadiano se refere, seu discurso recebe a devida

¹ Mestranda em Literatura Brasileira (UFRJ)

² Entrevista concedida a Marcos Pasche e Roberto Lota em fevereiro de 2011.

autonomia. Nesse sentido, veremos que o romance de Rubens Figueiredo possui os vazios comentados por Iser e, conseqüentemente, implica o papel ativo do leitor.

Na mesma entrevista, o escritor carioca revela sua tentativa de explorar os recursos do romance para questionar e investigar o quadro histórico atual. Isso permite pensar na relação estabelecida entre história e ficção, que, apesar de serem comumente entendidas como opostas, demonstram uma ligação importante no processo de criação artística. O que nos interessa analisar, portanto, não é meramente uma determinada abordagem histórica que o livro pode indicar, mas, sobretudo, a ideia, como ressalta Luiz Costa Lima em *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*, de não entender “a caracterização do ficcional como algo que se ponha contra a história” (BASTOS, 2010, p. 105).

Diante dessa abordagem histórica, em que o romance trabalha o tema da desigualdade social e alude à escravidão e ao colonialismo, o leitor se depara com personagens com um modo de vida que pode ou não se assemelhar ao seu, sendo convidado a refletir para interpretar a obra. O próprio autor afirma, também na entrevista ao Jornal *Rascunho*, que sua vontade era que fosse percebida “a experiência de estarmos submetidos a um processo social que precisa a todo custo manter-se oculto”.

Como é possível perceber, em *Passageiro do fim do dia* há elementos históricos, sociais e científicos. A análise a que este trabalho se propõe, no entanto, privilegia o discurso literário, partindo da concepção de que a análise literária deve partir do texto e considerando que importa à estrutura do romance uma forma inovadora que a legitime. Sobre isso, Antonio Candido afirma que “a capacidade que os textos possuem de convencer depende mais de sua organização própria que da referência ao mundo exterior, pois este só ganha vida na obra literária se for devidamente reordenado pela fatura” (CANDIDO, 2010, p. 10).

Não nos interessa, portanto, seguir a crítica baseada em interpretações não literárias e preocupada em interpretar a sociedade ou a história, por exemplo, por meio da obra de arte. Recorrendo à originalidade da *poiesis* e não ao mimetismo presente em tantas narrativas, analisaremos a poeticidade de Rubens Figueiredo e como ela legitima o discurso literário.

A partir desses apontamentos, pretende-se analisar o romance *Passageiro do fim do dia* à luz da teoria da literatura, buscando explorar ficção e história e verificar como estão relacionadas. Desse modo, serão também abordadas a questão da memória e a da atualidade, entendidas como temas fundamentais no processo de construção da obra.

O autor

Rubens Figueiredo publicou seu primeiro livro, *O mistério da samambaia bailarina*, em 1986, e a partir de então produziu mais sete obras, sendo *Passageiro do fim do dia* (2010) sua mais recente publicação. Nesse romance, verifica-se uma mudança ocorrida após o início da década de noventa, em que o autor inaugura uma fase que, segundo a crítica, revela mais maturidade literária.

Ainda em seus três primeiros livros – *O mistério da samambaia bailarina* (1986), *Essa maldita farinha* (1987) e *A festa do milênio* (1990) –, o autor aproximava-se do gênero policial, parodiando-o, e com isso recebera muitas resenhas positivas. Entretanto, mesmo com o sucesso alcançado, Rubens Figueiredo optou por desvincular-se dessa linhagem a fim de explorar a subjetividade e a experimentação em suas produções.

Essa atitude de desafiar a si mesmo, preocupado com uma produção literária inovadora no que tange às suas próprias criações, demonstra que preferiu abandonar as narrativas fáceis de serem produzidas e lidas e situar-se no espaço da *poiesis*, em que o processo da escrita não se submete a gêneros e modelos preconcebidos. A partir daí, o escritor dá um grande passo para garantir sua carreira como ficcionista no Brasil.

Alguns aspectos, como a ausência de referência a um espaço físico na narrativa e a opção por personagens pertencentes às baixas classes sociais – evidenciados em *Passageiro do fim do dia*, obra a que este trabalho se dedica –, entram como elementos diferenciadores na nova fase do autor. Além disso, a exploração da subjetividade faz com que abandone as concatenações de um enredo lógico, baseado na simples conexão de uma parte a outra da trama e no mero relato de fatos.

Dessa maneira, Rubens Figueiredo valoriza a perspectivação e afasta-se do julgamento próprio dos romances de tese. Essa característica é o que o diferencia de muitos escritores a que tinha acesso, como os que investiam no sucesso dos *best-sellers* e aqueles pertencentes ao período posterior à ditadura, em que as narrativas abordavam fortemente a temática política e resvalava majoritariamente para o panfletário. O autor de *O livro dos lobos* (1994), nesse sentido, garante seu espaço na literatura nacional não só pela capacidade de perspectivar, mas também por abrir mão de modelos e não se render ao aprisionamento dos gêneros.

A particularidade de Rubens Figueiredo no cenário literário nacional é bem percebida em seu romance *Passageiro do fim do dia*. A partir da intensa valorização da subjetividade, o autor dá luz a uma obra fincada na interioridade de um só personagem, mas, ainda assim, capaz de integrar experiências de todos os outros presentes no livro, o que confirma a profundidade de sua ficção.

Memória e atualidade

A memória é fator fundamental para a construção de *Passageiro do fim do dia*, possibilitando, por meio de reminiscências do protagonista, a criação de um enredo que, embora desenvolvido paralyticamente no interior de um ônibus, alude às mais variadas cenas representativas de uma metrópole em crise.

Interpretando a memória como fenômeno que passa por um processo de seleção por parte de quem recorda os determinados acontecimentos, pode-se considerar que ela seja uma recriação do real. Isso porque, sendo a memória composta por imagens que podem ou não permanecer na mente do indivíduo, é este quem seleciona – a partir de esquecimentos e recordações – e organiza as imagens:

Não foi uma sucessão de imagens o que Pedro viu em pensamento. Foi um quadro só, que acendeu e logo depois apagou. As drágeas, os tubos de petróleo no fundo do mar, as cifras acesas em fileiras de dígitos numa série de monitores luminosos suspensos. E os dentes do homem e da mulher surgiram todos, lado a lado, de uma vez só e num mesmo plano. Tudo era tão automático que nem havia tempo de se distribuir numa ordem (2010, p. 17).

Na medida em que a memória possui certos vazios possibilitados pelo esquecimento, eles são preenchidos pelo imaginário, de modo que esse processo não deixa de ser uma reconstrução dos fatos anteriormente presenciados ou experimentados. A essas experiências pretéritas de Pedro somam-se suas vivências no presente, em que, por meio do que vê e repara, recorda momentos, pessoas e histórias de vida.

A relação existente entre a memória do protagonista e o ambiente em que está inserido, portanto, é o que conduz o enredo. Em um processo em que se preocupa com sua aparência “aos olhos das pessoas” (p. 7) e em seguida torna-se mais observador do

que observado, Pedro capta a realidade à sua volta. A partir dela, ficcionaliza a vida das pessoas que observa e, além disso, faz uma rememoração de suas próprias experiências ou das de quem com ele convive. Tudo isso ocorre durante o longo período que passa dentro do ônibus, a caminho do bairro de sua namorada.

A ausência de capítulos no livro não deixa de ser uma maneira de mostrar, estruturalmente, o modo como esse enredo se desenrola, pois proporciona ao leitor a sensação da viagem desgastante, sem intervalos, que os habitantes de uma cidade têm de enfrentar diariamente.

Diante disso, a narrativa aborda o trânsito desordenado e a precariedade dos transportes públicos para representar o caos que é o cotidiano de tantas pessoas comuns que vivem na cidade, considerando a atualidade. O próprio autor comenta que, durante o processo de criação do livro, pensou na possibilidade de “questionar, investigar e conhecer aspectos importantes do quadro histórico atual por meio dos recursos oferecidos por um romance”.³

Sendo assim, fica clara a intenção de Rubens Figueiredo em tratar dos problemas que envolvem o modelo de sociedade que conhecemos hoje, em que a periferia, o subúrbio onde vivem os cidadãos das classes média e baixa, sofre com o abandono público e tem seu espaço submetido ao descaso e, conseqüentemente, à falta de assistência e segurança.

Imerso em um modelo de sociedade que tem como finalidade maior o crescimento econômico e os altos lucros empresariais, o protagonista de *Passageiro do fim do dia* é parte de um povo que tem seu bem-estar aniquilado pela prática desse discurso dominante. Nesse sentido, a abordagem social do romance privilegia, não julgando, mas, sim, perspectivando, os cidadãos que a todo tempo são atormentados por um sistema público que constantemente lhes nega conforto e respeito.

Toda essa experiência pela qual os habitantes passam cotidianamente é evidenciada, no romance de Rubens Figueiredo, sobretudo no que diz respeito aos personagens. A maioria deles retrata moradores das periferias, que estão sujeitos ao mau funcionamento dos sistemas públicos – a exemplo do de transporte – e, para poderem (sobre)viver com o trabalho, têm de suportar constantemente a falta de dignidade dos serviços e de direitos que em princípio deveriam ser a eles garantidos. O pai de Rosane,

³ Entrevista concedida ao Jornal *Rascunho* em fevereiro de 2011.

por exemplo, enfrentou dificuldades por causa do trabalho – uma espécie de alergia ao cimento – que lhe atingiram moral e fisicamente:

Parava de andar, olhava para os pés, para as unhas horríveis, que nem carvões, que nem pedras – e então teve raiva do cimento, teve raiva dos pés. Depois de mais de vinte anos trabalhando, como podiam fazer aquilo com ele? Percebeu que era um desatino sentir isso – ter raiva dos pés, do cimento. Mas afinal, pense bem, o que seria da sua casa, da sua família, da sua filha, que na época ainda dependia tanto dele? (2010, p. 102).

Outro aspecto que caracteriza esse modo de vida é o abandono público verificado nos bairros Tirol e Várzea, que funcionam como uma representação metonímica de tantas regiões que sofrem com isso nas metrópoles. O protagonismo de um espaço que figura como inexistente aos olhos da sociedade é um modo de, por meio da narrativa, trazer à memória o que fica constantemente esquecido em lugares onde só as metrópoles ganham visibilidade.

Dessa maneira, o estranhamento de Rosane ao constatar as mudanças que acontecem ao longo do tempo no local onde mora demonstra uma sociedade ávida por segurança e calma, mas, ao mesmo tempo, indignada e revoltada com o fato de estar submetida à negligência das autoridades.

Ao apresentar as experiências emocionais dos personagens, seus pensamentos sobre o que vivem – seja em relação à falta de dignidade no trabalho, por exemplo, ou ao estranhamento provocado pelas mudanças locais –, o narrador valoriza as perspectivas de cada um deles, sem impor ao romance seu posicionamento diante do que narra. Ao leitor, produtor de reflexões estimuladas pelo romance, cabe o papel de interpretar a obra e ter suas próprias impressões acerca do que lê. Assim, confirma seu papel ativo, que, como aponta Wolfgang Iser (2013), é indispensável para a ficção se afirmar como tal.

O que importa à ficção, portanto, não é a verdade ou a reprodução do real, mas a perspectivização, tendo com base, ainda, que “o ‘real’ que entra em jogo nunca é o natural, senão o culturalmente constituído” (BASTOS, 2010, p. 52). Sobre isso, comenta Luiz Costa Lima:

Na obra ficcional, mesmo porque ela é constituída por ‘vazios’ (Iser) que serão suplementados – suplementados e não preenchidos! – pelo receptor, não há uma cena ‘real’ que o autor procuraria ou não reconstituir. Ou melhor, se o objeto representado for a reprodução fiel do que ele era antes de sua ficcionalização, a consequência será que seus ‘vazios’ internos serão quase nulos, a suplementação pelo leitor quase inexistente” (2010, 99).

A decisão de Rubens Figueiredo de representar um período atual na narrativa e apresentar um personagem que recorda memórias não tem a ver, portanto, com a opção de registrar ou reproduzir o real, mas, sim, de refletir sobre ele, reconstruí-lo e proporcionar novas reflexões aos leitores que, junto do narrador, também constroem a ficção.

Ao escrever uma narrativa em que o espaço urbano é valorizado, com suas mazelas e dificuldades cotidianas, o romance de Rubens Figueiredo – e, por extensão, a ficção brasileira contemporânea que explora essa temática – dá voz aos marginalizados e valoriza espaços que, na sociedade, ficam sempre à margem de seus padrões. Memória e atualidade se relacionam, então, para resgatar o que é socialmente esquecido.

Assim, a ficção mostra que não precisa se afastar da história ou de um atual período histórico, ainda que o discurso histórico encontre respaldo na verdade e o discurso ficcional, por sua vez, não faça da verdade a sua aporia, como aponta Luiz Costa Lima (BASTOS, 2010, p. 98).

Ficção e história

Passageiro do fim do dia, com a evidente temática referente ao viés “literatura e sociedade”, demonstra um escritor diferente do incipiente autor de *O mistério da samambaia bailarina* (1986). Entregue inicialmente à paródia do gênero policial e, depois disso, decidido a dedicar-se principalmente à experimentação – o que manifesta uma radical mudança de estilo e apuramento literário –, a mais recente publicação de Rubens Figueiredo volta-se mais para o viés social.

Sem deixar, no entanto, de recorrer à experimentação, o autor busca um modo de encarar as mazelas sociais em sua literatura. Uma das maneiras que encontra para isso,

no livro, é a referência a Darwin, comentada pelo escritor em entrevista ao Jornal *Rascunho*:

Me veio em algum momento a ideia de incluir o Darwin no romance. Eu procurava um meio de o livro incorporar uma dimensão histórica com um alcance mais remoto, mais abrangente. O livro velho e meio vagabundo sobre Darwin que o protagonista lê no ônibus podia permitir que eu evocasse o colonialismo, a escravidão – pois o Darwin faz relatos sobre isso quando contou sua visita ao Brasil.

A presença de Darwin no romance, mais do que simples referência, auxilia na composição da obra em diferentes aspectos. O constante uso de palavras e expressões ligadas ao cientificismo, como “adaptados” (p. 8), “escala evolutiva” (p. 8) e “espécie” (p. 9), por exemplo, aponta para a abordagem de temas relacionados a adaptação, evolução e sobrevivência.

Ao afirmar que “não são os mimados, mas os adaptados que vão sobreviver” (p. 8), o narrador ressalta a importância da capacidade de adaptação do ser humano. Considerando que adaptar-se ao meio em que vive é um processo de adequação que viabiliza a sobrevivência, é interessante observar como isso ocorre com o protagonista Pedro. Ainda que more em um bairro diferente do de sua namorada, com melhores condições, sua constante ida ao Tirol faz com que ele se ajuste àquele local a ponto de, mesmo com certa vontade de tentar desvincular-se dele, sentir que não pode fazê-lo:

O Tirol, confundido com Rosane, ou quase tomando o lugar dela, ou mesmo tomando o lugar das pessoas que, como Rosane e sua família, moravam lá – o Tirol exercia uma espécie de atração, às vezes violenta, que Pedro queria rechaçar. Mas de alguma parte, sem ele entender, surgia em Pedro um impulso de se agregar, de desaparecer ali: a sugestão meio brutal de que aquilo tudo era um predicado seu, um dom, e que fazia parte dele mais do que qualquer outra coisa (2010, 149).

Essa sensação de pertencimento tem a ver evidentemente com o fato de ele ter se acostumado com aquele lugar, o modo de vida daquelas pessoas e tudo o que a elas se relaciona. O processo de adaptação do ser humano a um ambiente, no entanto, implica não apenas adequação, mas também resistência a pressões e pulsões do dia a dia. É o que ocorre com os passageiros do ônibus, já que são obrigados a enfrentar uma viagem

fatigante mesmo após tantas horas de trabalho. A narrativa explora, nesse sentido, o fato de ser possível a sobrevivência só dos que se adaptam e resistem a tudo isso: “Se uns sobrevivem e outros não, era porque alguns eram superiores?” (p. 195).

Sendo assim, a recorrência ao livro de Darwin no romance remete a um evolucionismo urbano, em que os habitantes da metrópole estão a todo tempo sendo pressionados e testados a sobreviverem por meio da adaptação a um modelo social que parece constantemente inviabilizar as condições mais dignas para a sobrevivência. É preciso estar sempre sujeito ao mau funcionamento dos sistemas, ao mau humor das pessoas, ao cansaço que não cessa.

Ainda que seja predominante o naturalismo darwiniano, não cabe uma interpretação naturalista da obra, analisada por um viés determinista. A indicação de tipos sociais que aparecem majoritariamente nos romances românticos, realistas e naturalistas – fortemente combatidos no romance machadiano, contrário à classificação imposta pelas chamadas correntes literárias – não é característica de *Passageiro do fim do dia*.

O que se tem nesse livro não é a preocupação em construir um personagem determinado a partir do meio, da raça e do momento, como acontece em *O cortiço* de Aluísio Azevedo. Podemos pensar, entretanto, como o lugar em que se vive pode interferir de certa forma na vida das pessoas. De acordo com Marcos Pasche, “seria equívoco ver nisso uma absorção do ideário naturalista, mas seria igualmente equivocado desconhecer que o meio, produto do homem, se não determina, inegavelmente interfere na conduta do homem e na sua postura diante da vida”.⁴

Importa destacar que essa apropriação de temas darwinianos não faz com que, na obra, o discurso científico se sobreponha ao literário, da mesma forma que as alusões históricas não significam alheamento ao discurso literário em prol do histórico. Ao contrário, Rubens Figueiredo, a partir de seu estilo peculiar e da forma do seu romance, garante autonomia literária.

No que se refere à história, os comentários de Darwin aludem à escravidão:

Ao cruzar um rio numa balsa, Darwin foi guiado por um escravo [...]. Tratava-se, nas palavras do naturalista, de um negro de todo imbecil, pois Darwin tentava se comunicar com ele sem alcançar nenhum sucesso. Por imaginar que o homem talvez fosse surdo, ou apenas por

⁴ Resenha de Marcos Pasche publicada no Jornal *Rascunho* em fevereiro de 2011.

se perturbar com uma irritação crescente, causada por seus esforços frustrados, Darwin passou a falar cada vez mais alto [...]. Fazia também sinais com as mãos e movimentos com o rosto, gesticulava com exagero, no esforço de se fazer compreender.

Em um desses movimentos, sua mão passou perto da cara do escravo: perto demais. O homem achou que Darwin estava furioso e queria lhe dar um murro. Encolheu-se, levantou um pouco os braços quase na altura do rosto e olhou-o de lado, tolhido pelo medo. Na certa, tomou a posição em que as pancadas doeriam menos – ele conhecia esses expedientes, era uma lição segura, aprendida bem cedo na vida: se não havia como escapar do chicote, sempre havia um jeito de uma chicotada doer um pouco menos (2010, 65).

Em seguida, o narrador aponta que “Darwin escreveu que nunca ia esquecer os sentimentos de surpresa, desgosto e vergonha que o assaltaram, quando viu na sua frente o homem apavorado” (p. 66) com um possível golpe seu, mas também comenta que “talvez, na sua irritação, em seu descontrole, tenha até acertado um golpe de leve e, ao escrever, tempos depois, Darwin recontou o episódio na forma que preferia lembrar. O escravo pode estar certo” (p. 67). Há, portanto, duas versões de um mesmo episódio, mudando o foco das perspectivas.

Na medida em que a história depende da verdade – ou do que é dado como verdade – para ser documentada, a ficção literária depende da perspectivação para ser genuína. Nesse sentido, a narrativa ficcional não pretende adotar uma verdade incontestável, mas apresentar possíveis verdades sobre um mesmo fato ou assunto. Pluralizam-se as vozes em vez de simplesmente singularizá-las. O estatuto ficcional da obra, nesse caso, pode ser exemplificado por termos a apresentação e a possível validação, que fica a critério do leitor, não só da perspectiva de Darwin, mas também do escravo (“o escravo pode estar certo”).

Por mais que a realidade sirva de material para a ficção, a esta não interessa o esgotamento da primeira: “como o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real, seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingido, a preparação de um imaginário” (Iser: 2013, 31). Sendo assim, Wolfgang Iser propõe a substituição da oposição realidade *versus*

ficção por uma relação tríplice composta pelo real, pelo fictício e pelo imaginário, com o objetivo de apreender, no texto ficcional, o fictício.

Considerando, portanto, que o texto ficcional é formado pela relação existente entre o real, o fictício e o imaginário, o romance de Rubens Figueiredo nele se enquadra porque, apesar de recorrer à história (documentação de uma dada realidade), não faz uso do discurso histórico para representá-la, e sim do literário para colocá-la em perspectiva. Diante disso, confirma-se a ideia de Luiz Costa Lima de que a ficção não se põe contra a história, apesar de serem comumente entendidas como oposição – pensamento que Wolfgang Iser combate em *O fictício e o imaginário*.

Autonomia

A leitura e a análise de *Passageiro do fim do dia* explicitam, sem dúvida, a poeticidade de Rubens Figueiredo, o estilo próprio que criou ao longo de suas publicações. Próximo do conto devido à agilidade que imprime à narrativa – demonstrada na ausência de capítulos – e próximo da crônica pela eficaz abordagem do cotidiano, o livro vai além das amarras impostas pelos gêneros.

Assim, esse romance é a confirmação de que o autor atingiu o objetivo que pretendia quando decidiu romper com um modelo de escrita anterior a *O livro dos lobos*. Em um caminho que se inicia na desvinculação da fôrma que molda os *best-sellers* ou a narrativa policial, atinge a experimentação e a utiliza para abordar também a temática social, Rubens Figueiredo atesta sua autonomia na literatura,

Ao apostar em sua própria maneira de escrever, o escritor privilegia a forma em detrimento da fôrma. Nesse sentido, sua última obra possibilita o conhecimento profundo de sua literatura, que passou a ser construída a partir da experimentação e da atenção à subjetividade. Um exemplo que demonstra claramente que sua narrativa se distancia das que geralmente obtém sucesso no mercado é o desfecho do romance (ou a falta de um desfecho esperado):

Pedro começava a ver a si mesmo no reflexo do vidro: sua imagem surgia mais nítida à medida que escurecia lá fora, assim como as imagens dos outros passageiros. Pedro procurou os olhos deles no reflexo das janelas. Mal se enxergavam os olhos debaixo das testas pesadas, talvez de tanto cansaço. Alguém lá na frente perguntou e Pedro

ouviu o motorista responder que, se o trânsito não piorasse nem tivessem de desviar o itinerário, faltavam só uns quinze minutos para chegar (2010, 197).

Terminar o livro sem que o passageiro, o protagonista Pedro, chegue a algum local quebra a expectativa do leitor habituado ao romance com um final lógico e previsto. Além disso, o fato de a viagem não ter fim intensifica ainda mais o trajeto desgastante que as pessoas têm de fazer diariamente.

Vale registrar que “Pedro” havia sido usado já em *Contos de Pedro*, em que todos os personagens possuem esse mesmo nome, à exceção de um dos contos, em que não se atribui nome ao personagem. Essa repetição, portanto, é uma espécie de partilha dos mesmos valores, indicando que, por meio do nome, é possível conhecer o universo ao qual pertence o protagonista e tudo a que ele está condicionado. O aspecto referencial que organiza parte da obra de Rubens Figueiredo é uma forma de valorizar, assim, quem é socialmente desvalorizado.

Para além de questões como essa, vimos que *Passageiro do fim do dia* constitui forma e proporciona reflexão. Benedito Nunes, ao comentar *A educação pela pedra*, de João Cabral, afirma que nesse livro o poeta “sintetiza as duas águas da expressão poética, uma voltada, sobretudo, para a captação da realidade [...], outra para a captação do fenômeno poético em toda a sua amplitude”, em um processo em que “forma e matéria, estrutura e temática se produzem reciprocamente” (SECCHIN, 2008, p. 65). É justamente essa combinação de estrutura e temática ou, ainda, de forma e reflexão, que caracteriza a ficção de Rubens Figueiredo.

Comprometido com uma organização estrutural motivada – a ausência de capítulos, a referencialidade, o uso de palavras relacionadas a um determinado campo semântico, entre muitos outros aspectos – e também com uma (des)organização social (des)motivada – a luta de classes, a desvalorização do trabalhador, o transporte precário –, o escritor condensa tudo isso em seu romance e, devido ao apuramento literário e ficcional, permite que ele se desenvolva por meio de ações praticamente nulas.

Foi essa nulidade de ações um dos fatores que consagrou Machado de Assis como ficcionista genuíno, pois, diante de uma produção que desconsiderou a trama de ações e, por sua vez, o romance tradicional de sua época, o autor inventou uma nova forma literária em que explorou, por exemplo, a narrativa personativa, a polifonia, a bifurcação da consciência e a participação ativa do leitor. Convidado a refletir sobre o

narrado, o leitor-autor de Machado de Assis é aquele abordado pela Estética da Recepção. Observamos que Rubens Figueiredo também precisa desse leitor ativo.

Por meio de recursos próprios, aos quais nos referimos ao longo deste texto, o autor de *Passageiro do fim do dia* definiu seu estatuto poético e valorizou o discurso literário, sem que este ficasse em segundo plano, como geralmente acontece com a crítica que analisa a literatura a partir de discursos alheios a ela. Sobre isso, comenta Autran Dourado em *Uma poética de romance*:

Literatura e psicologia são coisas autônomas [...]. Tanto a psicologia quanto a ficção utilizam-se da técnica associativa, mas cada uma com a sua finalidade própria. No romance [...], como técnica narrativa; na psicologia, como técnica de análise da personalidade (DOURADO, 2000, p. 102).

Seguindo essa linha de raciocínio, evidencia-se que uma análise crítica da literatura deve se preocupar com o discurso literário, não com o histórico ou o sociológico, por exemplo. Tal análise, nesse sentido, parte do texto em si. Do mesmo modo, o escritor que privilegia a ficção genuína não se interessa pela representação histórica ou pelo retrato da realidade em sua obra, e sim pela apresentação dos diversos pontos de vista que podem ser apreendidos e imaginados a partir da história ou da realidade.

Passageiro do fim do dia atesta, portanto, que Rubens Figueiredo, ao inovar em suas produções mesmo que para isso tenha se lançado a maiores desafios, mostrou sua autonomia na ficção brasileira e, ao mesmo tempo, garantiu a autonomia do discurso literário. O livro funciona como exemplo máximo, ainda que outras publicações suas confirmem o mesmo, de sua maturidade na prosa ficcional.

Diante de uma narrativa altamente subjetiva, em que a interioridade do personagem comanda todo o desenrolar do romance, o leitor tem consciência dos rumos da ficção contemporânea, sendo capaz de ver que, mesmo não tendo tanto espaço nas editoras – ficando basicamente restrita às universidades –, ela tem um valor singular que, infelizmente, é pouquíssimo difundido.

Considerando que a literatura nacional da atualidade em sua grande parte utiliza o tema social somente para explorar a ideia de pitoresco em vez de provocar reflexões e

questionamentos acerca de um modelo opressor, o romance *Passageiro do fim do dia* demonstra que temos um autor essencial na literatura brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Dau (org.). *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

DOURADO, Autran. *Uma poética de romance: matéria de carpintaria*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. “Saber demais”. Entrevista ao Jornal *Rascunho*, fevereiro de 2011. Disponível em <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/saber-demais>. Acesso em 05 out. 2015.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PASCHE, Marcos. “Um romance necessário”. Jornal *Rascunho*, fevereiro de 2011. Disponível em <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/um-romance-necessario>. Acesso em 05 out. 2015.

Recebido em: 21-07-16

Aceito em: 29-12-16